

**ANALISANDO O BLACK ENGLISH VERNACULAR
EM CANÇÕES DE HIP-HOP E EM LIVROS DIDÁTICOS
DE LÍNGUA INGLESA**

Marcus André Almeida Curcino (UESC)

maacurcino.let@uesc.br

Laura de Almeida (UESC/DLA)

lalmeida@uesc.br

RESUMO

Entre o número substancial de variações da língua inglesa está o chamado *Black English Vernacular* (BEV). Essa variante, segundo Labov (1977), apresenta aspectos diferentes tanto fonológicos quanto gramaticais quando comparada com o inglês padrão. Por não estar adequada a uma norma padronizada, sofre preconceito linguístico, o que interfere em sua legitimação como uma forma válida de expressão linguística no contexto escolar. Na análise da série de livros, dedicada aos quatro anos do Ensino Fundamental, percebe-se pouca presença da questão da variação linguística, apesar disso, a coleção *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, foi aprovada pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2024. Este artigo elucida algumas das características do *Black English Vernacular* a partir da análise de três canções de *hip-hop*. Utiliza-se a metodologia descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, e método bibliográfico. Com os resultados, espera-se contribuir para a expansão das pesquisas descritivas sobre o *Black English Vernacular*, especialmente no que diz respeito aos padrões linguísticos que se consolidam como regulares nas práticas reais de uso da língua, analisados aqui a partir de letras de *hip-hop*.

Palavras-chave:

Variação linguística. *Black English Vernacular*. *Hip-hop*.

ABSTRACT

Among the substantial number of variations of the English language is the so-called *Vernacular Black English* (BEV). This variant, according to Labov (1977), has different aspects both phonological and grammatical when compared to standard English. Because it is not adequate to a standardized norm, it suffers linguistic prejudice, which interferes with its legitimacy as a valid form of linguistic expression in the school context. In an analysis of a textbook series designed for the first four years of elementary school, it is evident that there is little discussion of linguistic variation. Despite this, the collection *Ways: English for Life*, by Franco and Tavares, was approved by the Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) in 2024. This article elucidates some of the characteristics of the *Vernacular Black English* and from the analysis of three *hip-hop* songs. The study employs a descriptive methodology, combining qualitative and quantitative approaches, along with bibliographic research. From these findings, this study aims to contribute to expanding descriptive research on *Black English Vernacular* (BEV), particularly regarding linguistic patterns that become regularized in actual language use practices, as analyzed here through *hip-hop* lyrics.

Keywords:

Linguistic variation. *Black English Vernacular*. Hip-hop.

1. Introdução

No campo da linguística, a variante da língua inglesa *Black English Vernacular* (BEV) é notável por suas idiossincrasias fonéticas, gramaticais e lexicais. Todavia, sua presença no ensino de língua inglesa nas escolas, em especial em livros didáticos, ainda é limitada.

Essa lacuna evidencia a necessidade de abordagens que conectem as características linguísticas do BEV à sua possível utilização como recurso didático, alinhando-se às demandas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), a qual exige a presença da questão das variações linguísticas no âmbito escolar. Assim, este artigo busca contribuir para preencher essa lacuna, propondo a inclusão de análise do BEV como ferramenta pedagógica no ensino de língua inglesa por meio de análises de músicas de *hip-hop*.

Para fins práticos, o trabalho foi estruturado da seguinte maneira: na seção 2, intitulada Fundamentação Teórica, discutem-se as principais teorias que sustentam este estudo, com subseções dedicadas a aspectos relevantes para a compreensão do *Black English Vernacular*. A seção 2.1 aborda as variantes linguísticas, destacando seu papel na caracterização do BEV como um sistema de regras estruturadas. Já a seção 2.2 explora as demandas da BNCC relacionadas às variações linguísticas no ensino de língua inglesa, justificando a relevância de incluir o BEV como objeto de estudo nas escolas. Por fim, a seção 2.3 analisa a música *hip-hop*, apresentando sua história, características e os temas predominantes em suas canções.

Na seção 3, Procedimentos Metodológicos, detalha-se a metodologia adotada, que combina abordagens quantitativa e qualitativa. Na seção 4 são analisados livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), buscando identificar como a variação linguística é tratada. Em seguida, na seção 4, apresenta-se a variação linguística em livros didáticos aprovados pelo PNLD e em 4.1, realiza-se uma análise de letras de *hip-hop*, investigando a frequência e os traços do BEV em três canções selecionadas. Os resultados são apresentados em uma tabela comparativa que organiza exemplos do BEV, destaca suas equivalências no inglês padrão e as ocorrências mais relevantes. Essa abordagem fun-

damenta a discussão sobre a expressão linguística e cultural do BEV nas músicas analisadas.

2. Fundamentação teórica

Nesta seção, apresentamos a fundamentação teórica que embasa o presente artigo. O trabalho terá como base as teorias sociolinguísticas de William Labov (1977), Fernando Tarallo (1999) e Marcos Bagno (2002). Em relação aos conceitos envolvidos no ensino de Língua Estrangeira e música utilizamos os trabalhos de Almeida (2012); Almeida, Mota e Santos (2012); Barros, Vargas e Almeida (2012) que também serviram para a contextualização do BEV e do *hip-hop*. Em relação à questão da variação linguística na escola e em livros didáticos, os quais podem demonstrar como o assunto é pouco discutido na sala de aula, serviram de base os estudos de Gruendling (2017), Alves e Petermann (2018), Prescendo Tonin e Sales Rodrigues Nonato (2022) e na observação da série de livros lançada em 2022, dos quatro anos que compõem o ensino fundamental 2, intitulada *Ways: English for Life*, de Claudio de Paiva Franco e Kátia Cristina do Amaral Tavares.

2.1. Variantes linguísticas, preconceito linguístico e BEV

As ideias de Tarallo (1999), embora suas teorias não se concentrem no *Black English Vernacular*, desempenham um papel fundamental na ampliação de nossa compreensão de como as variantes linguísticas aparecem em diferentes comunidades de fala. Tais ideias exploram a variação linguística de maneira abrangente, destacando que “as variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade” (Tarallo, 1999, p. 5).

A partir dessa perspectiva, Tarallo (1999) estabelece um fundamento teórico que também pode ser aplicado à análise das particularidades do BEV em relação ao inglês padrão. Em suas análises, ele elucida que “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação” (Tarallo, 1999, p. 63). Nesse contexto, entende-se “mudança” como uma transformação efetiva e permanente no sistema linguístico de uma língua, que pode ocorrer em diferentes níveis, como fonológico, morfológico, sintático ou semântico. Es-

sa mudança implica uma alteração na norma ou no uso consolidado da língua ao longo do tempo. Por outro lado, “variação” refere-se às diferentes formas de realizar um mesmo fenômeno linguístico dentro de uma língua, sem necessariamente resultar em uma mudança estrutural. A variação pode ser geográfica, social, estilística ou situacional, e não implica, obrigatoriamente, que uma forma substitua outra no sistema da língua. Essa distinção é relevante para entender a dinâmica do BEV, que, segundo Labov (1977), apesar de suas variantes, mantém uma estrutura interna coesa e lógica.

Segundo Tarallo: “em toda comunidade de fala, são frequentes as formas linguísticas em variação” (Tarallo, 1999, p. 6). Tal aspecto pode ser relacionado ao BEV, que é um sistema linguístico que se desenvolve em contextos específicos, apresenta suas próprias variantes, e múltiplas formas de expressão dentro de uma comunidade. Nesse sentido, tais ideias são um passo crucial para tentar desmistificar preconceitos associados a dialetos que não fazem parte do inglês padrão.

Bagno é um linguista e escritor cujas contribuições são essenciais para a compreensão do preconceito linguístico presente na sociedade brasileira. No que diz respeito ao BEV, ele será discutido a partir da intersecção entre a variação e o preconceito linguístico. Segundo Bagno (2002, p. 9), a gramática normativa é apenas uma descrição parcial da língua e a confusão entre língua e gramática tradicional é uma das principais causas do preconceito linguístico.

O linguista supracitado (2002, p. 10) afirma que a ideologia que gera o preconceito linguístico é “intolerante e repressiva”, aplicando autoritariamente a norma culta a toda a diversidade linguística presente em uma sociedade. Essa reflexão permite uma análise crítica das atitudes linguísticas que marginalizam os falantes do *Black English Vernacular*.

Além disso, o pesquisador (2002, p. 9) enfatiza que “tratar da língua é tratar de um tema político”, destacando a importância de reconhecer a linguagem como um reflexo das relações de poder e opressão social. Contextualizando com a variante linguística em questão, o BEV é também uma expressão cultural e de resistência dentro da comunidade afro-americana.

As teorias de Labov (1977) fornecem uma exploração abrangente do *Black English Vernacular*. O autor define a variante como um subsistema dentro do idioma inglês maior, porém conectado por uma estrutura lógica compartilhada, desenvolvido com suas próprias regras consis-

tes, e capaz de expressar pensamentos complexos e lógicos como qualquer outra variedade do inglês.

Segundo Labov, o BEV é comumente falado por jovens negros das áreas centrais das cidades dos Estados Unidos, incluindo grandes centros urbanos, tais como Nova York, Detroit e Chicago.

2.2. A BNCC e o estudo de variação linguística

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) propõe uma abordagem da variação linguística na educação com o objetivo de promover a compreensão das línguas como fenômenos dinâmicos e heterogêneos, que são influenciados por fatores sociais, históricos, culturais e geopolíticos. O documento destaca a importância de reconhecer e valorizar as variedades da língua, combatendo o preconceito linguístico e promovendo uma visão crítica sobre o uso da língua em diversos contextos (Brasil, 2018).

As habilidades citadas destacam a importância de reconhecer a língua como um fenômeno vivo e multifacetado, promovendo o respeito à variação linguística e combatendo preconceitos. Incentivam o uso contextualizado e inclusivo da língua inglesa, valorizando sua diversidade em aspectos históricos, sociais e culturais, além de estimular uma análise crítica das abordagens gramaticais tradicionais e contemporâneas. Essas competências apontam para uma educação que refuta visões normativas, favorece práticas inclusivas e prepara cidadãos conscientes e críticos para um mundo globalizado e multicultural, valorizando a pluralidade linguística e cultural.

A partir dessas habilidades do documento, percebe-se que ao abordar a variante BEV, é possível explorar modos de falar que exemplificam a diversidade linguística e refutam preconceitos (EF07LI22), enquanto se analisa criticamente sua posição no panorama global do inglês como língua de comunicação internacional (EM13LGG403). Essa informação se justifica porque o *Black English Vernacular*, de acordo com Labov (1977), é uma variante linguística que exemplifica a diversidade do inglês como língua viva e dinâmica. Paralelamente, ao situar o BEV no cenário global, considerando seu papel na música, na mídia e nas comunidades anglófonas, cumpre-se a habilidade EM13LGG403, que enfatiza o reconhecimento da multiplicidade de usos e funções do inglês, tornando-o mais relevante para os aprendizes em contextos globais e inter-

culturais. Dessa forma, o BEV atua como um recurso pedagógico que não só enriquece a compreensão linguística, mas também fomenta atitudes de respeito e valorização da diversidade cultural.

Expor os aspectos gramaticais únicos do BEV possibilita uma reflexão sobre as gramáticas de uso contemporâneo, uma vez que a variante rompe com as noções tradicionais de norma padrão e evidencia que as línguas são moldadas por contextos históricos, sociais e culturais específicos. O estudo do BEV permite contrastar as abordagens prescritivas da gramática tradicional com as descrições mais dinâmicas das gramáticas contemporâneas (EM13LP09), destacando como a variação linguística é um fenômeno natural e legítimo.

Além disso, ao explorar as dimensões culturais e sociais que influenciam o BEV, como sua ligação com a identidade afro-americana e sua disseminação por meio da música e da mídia, é possível concretizar os princípios da habilidade EM13LP10, que valoriza o respeito às variedades linguísticas e combate preconceitos. Isso expõe a natureza do inglês, desenvolvendo tanto habilidades analíticas – ao examinar diferentes níveis de variação linguística – quanto empáticas, ao reconhecer e respeitar as histórias e vivências por trás das diferentes formas de expressão. Consequentemente, o BEV contribui para práticas educacionais mais inclusivas, alinhadas aos valores de uma sociedade multicultural e globalizada.

2.3. A música do hip hop

Os estudos apresentados por Almeida (2012); Almeida, Mota e Santos (2012); Barros, Vargas e Almeida (2012) serviram de base para a contextualização do BEV e do *hip-hop*. Tais pesquisas exploram as intersecções entre linguagem e cultura, oferecendo uma análise das influências mútuas entre o BEV e o *hip-hop*, e como essas interações moldam e são moldadas por contextos socioculturais específicos.

Conforme argumenta Almeida (2012), a cultura *hip-hop* emerge como um meio de autoafirmação identitária, previamente suprimida pela hegemonia da cultura dominante, que busca estabelecer uma expressão verbal, de cognição e de percepção do mundo. Essa reivindicação, segundo Almeida (2012), é materializada por meio da utilização de uma linguagem distintiva, inerente aos falantes do BEV, a qual se revela nas letras das composições musicais do gênero *hip-hop*.

López (2017) e Caramanica (2023) foram utilizados como aparato histórico sobre o que é e como surgiu o *hip-hop*. Segundo López (2017), a corrente musical intitulada *hip-hop* começou em 11 de agosto de 1973, no Bronx, Nova York, em uma festa organizada por Cindy Campbell. O DJ Kool Herc foi a atração principal da festa e abriu novos caminhos ao estender as partes instrumentais das músicas (Cf. López, 2017). Ele criou o chamado *break*, que em português significa “quebra”, e recebe esse nome pelo fato de um trecho de uma música romper a seleção rítmica ao girar dois discos idênticos na mesa de mixagem, tal aspecto lançou as bases para a dança e rimas improvisadas (Cf. López, 2017). O *hip-hop* passou a incluir quatro partes principais: o DJ (disc jockey), o MC (mestre de cerimônias ou rapper), *breakdance* (um estilo de dança) e grafite (produção artística que consiste em pinturas e desenhos em locais públicos) (Cf. LÓPEZ, 2017). No início, a música e as rimas deram voz à infelicidade social e às lutas de comunidades negligenciadas do Bronx (López, 2017). Caramanica (2023) ainda destaca que o *hip-hop* é ligado a diversas áreas da vida americana, como moda, literatura e política, além disso, a adaptação e a capacidade de consumir e reinterpretar influências tornam o gênero único, embora sua ascensão tenha enfrentado resistências de ordem racial, legal e cultural.

De acordo com Basham (2015), o movimento pelos direitos civis dos anos 1960 influenciou diretamente a estética e os temas do *hip-hop*, que refletiam as tensões raciais, a segregação urbana e a desigualdade econômica. Músicas que faziam uso de metáforas e narrativas líricas passaram a expor essas questões para um público mais amplo, muitas vezes escondendo mensagens de protesto em suas letras. Segundo a autora, nos anos 1980 e 1990, o *gangsta rap* se tornou uma das vertentes mais proeminentes do *hip-hop*, explorando os códigos de conduta das ruas, conhecidos como *street codes*. Esse subgênero surgiu em resposta às condições de pobreza e violência em áreas urbanas predominantemente negras, e trouxe temas como confrontos com a polícia, tráfico de drogas e violência de gangues, muitas vezes narrados de maneira brutal e direta.

Nos anos 1990, nomes como Tupac Shakur, Dr. Dre e Biggie Smalls transformaram o *hip-hop* no epicentro da música pop americana, enquanto os anos 2000 marcaram uma descentralização do gênero, com a ascensão do Sul como polo criativo (Cf. Caramanica, 2023). Nesse período, o *hip-hop* se diversificou, assumindo “duas faces”: de um lado, manteve uma abordagem consciente, focada em questões sociais e políticas;

de outro, aderiu ao comercialismo, explorando temas como riqueza, ostentação e misoginia (Cf. Basham, 2015).

Como pode ser visto, ao longo de sua evolução, o *hip-hop* desenvolveu uma linguagem universal com inúmeros dialetos, influenciando outros gêneros musicais, como o *reggaeton*, o *country* e o K-pop (Carmanica, 2023).

3. Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada é a descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, e método bibliográfico, como definido por Nascimento (2002). Segundo a autora (Cf. Nascimento, 2002), enquanto a análise quantitativa organiza dados em números, destacando a frequência absoluta e relativa, a qualitativa interpreta o fenômeno por meio de emparelhamento, análise histórica ou construção interativa. A metodologia é descritiva, pois busca caracterizar o fenômeno da variação linguística, incluindo o BEV, e sua posição de marginalização no contexto educacional, fundamentando-se em estudos previamente publicados, sem envolver observações diretas no ambiente escolar.

Neste artigo temos análises em duas seções diferentes. A primeira é dedicada à presença de variações linguísticas da língua inglesa nos livros didáticos da coleção de 2022, *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, que utiliza o método bibliográfico, uma vez que a coleta de dados é realizada a partir de fontes publicadas, e não por meio de entrevistas ou observações diretas. Essa análise apresenta de forma diminuta a questão da presença de variação linguística nos livros escolares, pois outras coleções, estudos e abordagens são necessárias para uma conclusão mais precisa, elas foram feitas apenas como um caminho para a discussão da presença de variação linguística em livros de língua inglesa aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Na seção seguinte, temos a análise de três canções de *hip-hop*, e delas foram incluídas amostras da quantidade de vezes em que as características gramaticais da variante BEV aparecem, bem como o tipo de temática presente nessas canções, que trazem características comuns do *hip-hop* e do BEV. Foram utilizadas como *corpus* as canções “The Bigger Picture” de Lil Baby (Cf. Jones; Pettigrew; Williams, 2020), “Boss” da dupla The Carters (Cf. Emille II *et al.*, 2018), e “Mood 4 Eva” da cantora Beyoncé (Cf. Clemons *et al.*, 2019). As canções foram selecionadas

com base em critérios que aliam relevância temática e representatividade do gênero e da variante BEV. As obras escolhidas, além de exemplificarem características gramaticais recorrentes do BEV, abordam questões sociais e culturais frequentemente exploradas no *hip-hop*, como desigualdade, identidade e empoderamento. Assim, constituem um *corpus* representativo tanto das estruturas linguísticas em foco quanto das temáticas que permeiam esse estilo musical.

A análise quantitativa incluirá o levantamento da quantidade de ocorrências de BEV em cada letra de música. Essas ocorrências serão organizadas em gráficos que mostrarão visualmente a frequência dos traços do BEV, permitindo uma visão clara e comparativa entre as canções. O método quantitativo é essencial para identificar e quantificar a frequência das estruturas gramaticais características da variante, oferecendo uma visão objetiva da presença e da distribuição nas letras das músicas, facilitando a percepção da regularidade e da intensidade com que essas formas linguísticas ocorrem.

Para a análise qualitativa, cada ocorrência será detalhadamente analisada, comparada e classificada. As características específicas do BEV, como omissões verbais ou construções negativas alternativas, serão agrupadas em quadros, com exemplos retirados das músicas selecionadas. Nos quadros, serão incluídas tanto as formas variantes do BEV presentes nas canções quanto às formas gramaticais correspondentes do inglês padrão.

A combinação dos métodos quantitativo e qualitativo foi escolhida, pois proporciona uma visão holística do fenômeno que está sendo estudado. Enquanto o método quantitativo oferece uma visão geral da prevalência do BEV nas letras, o método qualitativo aprofunda a análise, contextualizando e comparando esses dados à forma linguística do inglês padrão. Ou seja, a integração desses métodos permite não apenas identificar quantas vezes determinados elementos do BEV aparecem, mas também aponta as semelhanças semânticas desses elementos dentro das narrativas das músicas e das experiências dos artistas.

4. A variação linguística em livros didáticos aprovados pelo PNLD

No que tange à aparição das questões de variação linguística, como apontado por Gruendling (2017), Tonin e Nonato (2022), é crítica a abordagem em livros didáticos brasileiros. Esses estudos, bem como a

nossa análise da coleção de *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, são apresentados apenas como um caminho para discussão da questão da presença de variação linguística em livros didáticos que foram aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Gruendling (2017) afirmou que a exposição das variantes linguísticas do inglês, poderia tornar a experiência de ensino-aprendizagem de inglês mais próxima da realidade dos alunos e professores, demonstrou em sua análise de quatro amostras de livros que a questão da variação linguística é praticamente ausente. Na análise de Tonin e Nonato (2022), que optaram pela coleção de livros *Way to English for Brazilian*, de Franco e Tavares, levando em consideração o número expressivo de escolas que a adotaram e sua grande circulação nacional, foi apontado que de maneira geral, não existem explicações mais teóricas e detalhadas a respeito do assunto.

Na coleção de livros didáticos que analisamos, intitulada *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, da editora FTD, dividida em quatro volumes, dedicados ao ensino de língua inglesa para as 6^o (Franco; Tavares, 2022a), 7^o (Cf. Franco; Tavares, 2022b), 8^o (Franco; Tavares, 2022c), e 9^o (Cf. Franco; Tavares, 2022d) anos, a questão da variação linguística é apresentada apenas em alguns poucos momentos, mesmo com os livros tendo sido aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2024. Optamos por verificar sistematicamente a presença do tema “variação linguística” ao longo dos quatro volumes. A coleta de dados foi realizada mediante a leitura completa dos livros, buscando por menções explícitas ou implícitas ao tema, seja em textos, atividades ou materiais artísticos. Foram incluídas como evidências as passagens que apresentassem qualquer tipo de variação linguística, independentemente de uma menção direta ao termo, abrangendo desde exemplos de *Black English Vernacular* até outras variedades do inglês. Por outro lado, foram excluídas ocorrências vagas ou que não estivessem relacionadas ao ensino de aspectos linguísticos específicos.

As passagens que fazem referência ao assunto incluem: breves menções em notas explicativas (referidas na tabela 1 como “Notas”), atividades propostas dedicadas voltadas para questões verbais e de interpretação de texto (referidas na tabela 1 como “Atividades”), a presença em letras de músicas, tirinhas e textos literários (referidas na tabela como “Artes”), como pode ser observado a seguir:

**Tabela 1: Aparições do tema “Variação Linguística” nos livros didáticos
*Ways: English for Life.***

Volume	Notas	Atividades	Artes
6	p. 29, p. 73, p. 168	p. 29	p. 168
7	p. 33, p. 118, p. 149	p. 33, p. 149, p. 158	p. 118, p. 158, p. 168
8	p. 130, p. 169	p. 130	
9	p. 140	p. 140	

Fonte: Elaboração própria.

A análise da coleção *Ways: English for Life*, de Franco e Tavares, revela uma abordagem limitada sobre a variação linguística ao longo dos quatro volumes destinados ao ensino fundamental. Conforme registrado na Tabela 1, o tema aparece de forma esporádica em três categorias principais: “Notas”, “Atividades” e “Artes”. O volume destinado à 6ª série apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre os três tipos, enquanto os volumes seguintes mostram uma diminuição na frequência de menções e atividades relacionadas ao tema.

O volume da 6ª série se destaca por incluir menções em notas explicativas e atividades que abordam a variação linguística, além de referências em textos artísticos, como músicas e tirinhas. Na 7ª série, observa-se maior incidência de passagens associadas às categorias “Atividades” e “Artes”, sugerindo um esforço em explorar o tema de maneira prática e criativa, embora ainda esparso. No entanto, nos volumes da 8ª e 9ª séries, há uma redução considerável da presença do tema, com destaque para sua quase exclusão na categoria “Artes” e o predomínio de breves menções em “Notas”.

Essa inconsistência na abordagem do tema contrasta com a aprovação da coleção pelo PNLD 2024, que exige que livros didáticos contemplem a pluralidade linguística como um dos eixos fundamentais para a formação dos estudantes. A escassez de referências, especialmente nas séries finais, pode limitar a compreensão dos alunos sobre a diversidade linguística, essencial para combater preconceitos e desenvolver uma visão crítica sobre a língua. Por fim, a tabela evidencia a necessidade de maior atenção a esse aspecto nos materiais didáticos, apontando para um potencial de aprimoramento tanto na profundidade quanto na frequência das discussões sobre variação linguística.

4.1. Análise de canções de hip-hop que utilizam o BEV

A primeira música analisada é “The Bigger Picture”, de Lil Baby (Cf. Jones; Pettigrew; Williams, 2020), uma canção política que aborda a brutalidade policial, a desigualdade racial e a luta por justiça social. A letra faz menção à morte de George Floyd e exorta a união e a resiliência da comunidade afrodescendente em sua busca inabalável por transformação social e reparação histórica.

Tabela 2: Análise de exemplos de BEV na música: “The Bigger Picture” (Lil Baby).

Exemplos de BEV	Forma em Inglês Padrão	Tempo Verbal	Número de Ocorrências
Ain't	am not / is not / are not	Simple Present	7
gon'	going to	Near Future	7
I'ma	I am going to	Near Future	4

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 2, acima, vemos três exemplos de BEV retirados da letra da canção, a saber: o uso de “ain't” em vez de “isn't” ou “aren't” reflete uma forma unificada de negação, recorrente três vezes na letra. “Gon'” aparece como forma abreviada de “going to,” marcando o futuro, enquanto “I'ma” representa “I'm going to,” expressando intenção futura com quatro ocorrências. Além dessas expressões, é substancial o número de omissões da letra final “g” como na supressão do fonema na oralidade em palavras contínuas, exemplificado em “protestin'” e “goin',” bem como a ausência do auxiliar “are,” como em “They killin' us,” e a dupla negação em “We ain't takin' no more”.

A canção “Boss” do The Carters, tem uma letra que faz referências à riqueza, poder, responsabilidade social e valores familiares, temas comuns em canções de *hip-hop* que exaltam o sucesso pessoal e comunitário, especialmente no contexto de superação de desigualdades.

Tabela 3: Análise de exemplos de BEV na música: “Boss” (The Carters).

Exemplos de BEV	Forma em Inglês Padrão	Tempo Verbal	Número de Ocorrências
ain't	am not / is not / are no	Simple Present	21
gon'	going to	Near Future	1
I boss	"I am the boss" ou "I'm a boss."	Simple Present	4

Fonte: Elaboração própria.

Em termos gramaticais, como vemos na tabela 3, apresenta a utilização de “ain’t” nas frases: “Ain’t nothin’ to it” e “I ain’t got no time”. A primeira mencionada, pode ser traduzida como: “It’s nothing to it” ou “There’s nothing to it”. A estrutura “ain’t nothing to it” simplifica a construção da frase, um traço típico do BEV. A construção “ain’t got no” é um exemplo de dupla negação, no inglês padrão, seria “I don’t have any time” ou “I don’t have time”.

A terceira canção é “Mood 4 Eva”, que celebra riqueza, sucesso, orgulho racial e resiliência, fazendo referências a figuras icônicas da cultura africana e afro-americana, como Nelson Mandela, Mansa Musa e Fela Kuti. Na tabela 4 temos o caso de “I be”, esse é um exemplo do uso de Habitual Present no inglês padrão, que seria o equivalente a “I am” ou “I am [verb]ing” para expressar ações ou estados que são considerados habituais ou gerais, que pode ser traduzido como: “I am” ou “I am feeling” (no presente contínuo) dependendo do contexto.

Tabela 4 – Análise de exemplos de BEV na música: “Mood 4 Eva” (Beyoncé)

Exemplos de BEV	Forma em Inglês Padrão	Tempo Verbal	Número de Ocorrências
I be	“I am” ou “I am [verb]ing”	Habitual Present	4
I’m ‘bout	I am going to	Present Continuous	1

Fonte: Elaboração própria.

O segundo termo apresentado na tabela é “bout”, uma forma reduzida de “about”, usada frequentemente para indicar intenção ou proximidade de uma ação. A frase “I’m bout” é uma variação que expressa uma ação iminente, que seria o equivalente a “I’m about to” no inglês padrão, e está no tempo verbal *Present Continuous*, indicando que a ação está prestes a ocorrer no futuro próximo.

A presente análise detalhada das canções “The Bigger Picture,” “Boss” e “Mood 4 Eva” permitiu identificar e sistematizar diversos exemplos de estruturas linguísticas características do *Black English Vernacular*. Essas estruturas, organizadas nas tabelas apresentadas, sintetizam de forma objetiva e acessível os usos frequentes dos elementos gramaticais e lexicais dessa variante, oferecendo uma visão abrangente e prática, e estabelecendo uma base sólida para que a variante em questão possa ser discutida e analisada, na seção que virá a seguir.

5. Resultados e discussão

A análise do *corpus* é constituída pelas canções de *hip-hop* “The Bigger Picture” de Lil Baby (Cf. Jones; Pettigrew; Williams, 2020), “Boss” da dupla The Carters (Emile II *et al.*, 2018), e “Mood 4 Eva” da cantora Beyoncé (Clemons *et al.*, 2019), apresentou uma abordagem rica para o ensino do BEV em sala de aula, uma vez que revelou a presença de algumas de suas estruturas e expressões próprias.

A canção “The Bigger Picture” se destaca pelo uso recorrente de formas características do BEV, como “ain’t”, “gon”, “I’ma”, e a omissão do sufixo “-ing”. Tais aspectos, proporcionam uma análise detalhada das diferentes formas de negação, futuras e omissões, o que é particularmente útil para abordar a flexibilidade do BEV em comparação com o inglês padrão. A canção “Boss”, por sua vez, se sobressai pela alta frequência de “ain’t” (21 ocorrências), mostrando como essa forma de negação simplifica as construções na língua. O exemplo “ain’t got no time” é um clássico da dupla negação, que pode ser explorado com os alunos para refletir sobre as particularidades gramaticais e sociais do BEV. Por fim, “Mood 4 Eva” traz expressões como “I be”, que utiliza o Habitual Present, esse uso oferece uma alternativa ao inglês padrão, que geralmente utiliza o Present Continuous para expressar ações habituais.

Entre as três canções analisadas, a música “The Bigger Picture” de Lil Baby apresenta o maior número de ocorrências de formas típicas do BEV, com destaque para o uso de “ain’t” e “gon”, que são repetidos várias vezes ao longo da letra. Isso reflete uma ênfase nas estruturas gramaticais do BEV para fortalecer a mensagem política e social da canção. Já a canção “Boss” do The Carters também faz uso extensivo de “ain’t”, mas com menos variações do que em “The Bigger Picture”. “Mood 4 Eva” de Beyoncé, embora também apresente elementos típicos do BEV, como “I be” e “I’m bout”, faz isso de forma mais moderada, com um número reduzido de ocorrências.

A análise do *corpus* constituído pelas canções de *hip-hop* “The Bigger Picture” de Lil Baby, “Boss” da dupla The Carters e “Mood 4 Eva” de Beyoncé evidencia como as estruturas do *Black English Vernacular* podem ser utilizadas no ensino de Língua Inglesa para ilustrar a variação linguística e promover a inclusão cultural. Esses resultados permitem uma abordagem didática que valorize a diversidade linguística e a legitimação de variantes historicamente marginalizadas, como o BEV, no contexto escolar.

A condição invisibilizada do BEV e das variantes linguísticas da Língua Inglesa como um todo nos materiais didáticos, torna as práticas pedagógicas enfraquecidas para lidar com o tema, e se contrapõe as recomendações da BNCC que, discutido na fundamentação teórica, enfatiza a necessidade de explorar modos de falar em inglês que refutem preconceitos e reconheçam a variação linguística como fenômeno natural e legítimo. A abordagem das letras das canções analisadas, ricas em traços característicos do BEV, possibilita concretizar essa diretriz, demonstrando que a inclusão dessa variante no ensino de Língua Inglesa é não apenas possível, mas altamente produtiva.

Além disso, o uso das canções contribui para o desenvolvimento das habilidades propostas pela BNCC, como a exploração de variedades linguísticas (EF07LI22) e a análise crítica do inglês como língua global e heterogênea (EM13LGG401). Ao aliar as estruturas do BEV ao contexto cultural e social das canções de *hip-hop*, cria-se um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, que valoriza as vivências e a identidade dos falantes dessa variante.

A condição invisibilizada do BEV no contexto do material didático de ensino de língua inglesa exige uma reflexão crítica sobre como as variantes linguísticas são percebidas e tratadas, tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral. Ao considerar as ideias de Tarallo (1999), torna-se evidente que a variação linguística é um fenômeno universal, presente em todas as comunidades de fala, mas que frequentemente é marginalizada em contextos de ensino que privilegiam a norma culta como único modelo legítimo. Essa visão hierárquica da língua, amplamente criticada por Bagno (2002), contribui para o apagamento de dialetos como o BEV e reforça preconceitos linguísticos.

No contexto educacional, o BEV, como um sistema linguístico robusto e coeso, conforme demonstrado por Labov (1977), oferece uma rica oportunidade para abordar questões de variação e diversidade linguística. Contudo, a escolha do inglês padrão como único modelo de ensino invisibiliza essas características do BEV, reduzindo sua complexidade a estereótipos e ignorando seu potencial pedagógico. Como aponta Bagno (2002), a imposição da norma padrão não é apenas uma questão técnica, mas uma prática política que reflete relações de poder e perpetua opressões sociais.

Como demonstrado neste artigo, é possível resgatar a relevância do BEV no ensino de língua inglesa, destacando-o como uma ferramenta

para desconstruir preconceitos linguísticos e promover uma educação mais inclusiva. Com base em Tarallo (1999), ao reconhecer a variação como um aspecto inerente à língua, e em Bagno (2002), ao enfatizar o caráter político da linguagem, pode-se desafiar a hegemonia da norma culta e celebrar a diversidade linguística como parte integrante do processo de ensino–aprendizagem.

6. Considerações finais

Por meio deste artigo, apresentamos questões ligadas ao *Black English Vernacular*, algumas de suas características principais, tais como estruturas gramaticais, o preconceito que a variante sofre por ser utilizada e difundida por um grupo etnicamente marginalizado e estigmatizado na sociedade, sua abordagem apoucada em livros didáticos e sua utilização em canções do estilo *hip-hop* interpretadas por artistas que fazem sucesso no mundo fonográfico.

A análise da coleção *Ways: English for Life* (Franco; Tavares, 2022a-d) revelou uma abordagem insuficiente e inconsistente da variação linguística ao longo dos quatro volumes, apesar de sua aprovação pelo PNLD 2024. Embora o tema apareça esporadicamente em notas explicativas, atividades e materiais artísticos, sua distribuição é desigual: enquanto o volume do 6º ano apresenta certa diversidade de abordagens, os demais mostram um declínio progressivo, com o 8º e 9º anos praticamente omitindo o tema em textos artísticos e reduzindo-o a menções pontuais. Essa lacuna é especialmente preocupante, pois o PNLD enfatiza a importância da diversidade linguística na formação crítica dos estudantes. A escassez de discussões sobre variedades como o *Black English Vernacular* ou outras formas de variação pode perpetuar visões estereotipadas e limitar a compreensão dos alunos sobre o inglês como língua plural. Os resultados sugerem, portanto, a necessidade de revisões nos materiais didáticos, garantindo maior frequência, profundidade e contextualização do tema em todos os níveis de ensino, alinhando-se às diretrizes oficiais e às demandas por um ensino antirracista e linguisticamente inclusivo.

A análise das canções demonstrou o potencial pedagógico do *hip-hop* para o ensino do *Black English Vernacular*, revelando estruturas linguísticas marcantes que oferecem exemplos concretos da gramaticalidade do BEV, contrastando com o inglês padrão e evidenciando sua legitimidade como variante. Apesar da abordagem mais moderada em "Mood 4

Eva", as três canções comprovam como o hip-hop pode servir de ferramenta para discutir variação linguística, combater preconceitos e atender às diretrizes da BNCC – que preveem a análise crítica da diversidade do inglês (EF07LI22; EM13LGG401). A inclusão desses materiais em sala de aula não apenas enriquece o repertório linguístico dos alunos, mas também os expõe a debates sobre identidade e desigualdade social, suprimindo a lacuna deixada pelos livros didáticos tradicionais. Assim, o hip-hop emerge como um recurso didático urgente para um ensino antirracista e linguisticamente plural.

Por fim, o artigo teve como objetivo atuar como possível motor para o desenvolvimento de aulas reflexivas, contribuindo para a formação de cidadãos abertos e compreensíveis às diversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laura de. Hip-hop e a formação da identidade cultural no ensino de língua inglesa. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS). Dilemas e desafios na contemporaneidade, 14, 15 e 16 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/sidis/index.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

ALMEIDA, Laura de; MOTA, Nahendi Almeida; SANTOS, Denildes Evangelista. Trabalhando a variação linguística com Hip hop no ensino de língua inglesa. *Cadernos Imbondeiro*, v. 2, ed. 2, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/14154/8774>. Acesso em: 22 set. 2024.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 1999.

BASHAM, Kelsey B. Perspectives on the evolution of hip-hop music through themes of race, crime, and violence. *Honors Theses*. Eastern Kentucky University, Richmond, 2015. Disponível em: https://encompass.eku.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1304&context=honors_theses. Acesso em: 5 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 out. 2024.

CARAMANICA, Jon. How do you tell the story of 50 years of hip-hop?

The New York Times, 18 jul. Nova Iorque, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/07/18/arts/music/hip-hop-50th-anniversary.html>. Acesso em: 4 dez. 2024.

CLEMONS, Ant; CONEY, Brittany “@Chi_Coney”; ANDREWS, Denisia “Blu June”; HILLS, Floyd Nathaniel; KLEINMAN, Jeff; SMITH, Justin “Just Blaze”; UZOWURU, Michael; HALL, Teo; MYNANGO, Anathi Bhongo; BEYONCÉ; CHILDISH GAMBINO; KHALED, Khaled; SANGARÉ, Oumou; CARTER, Shawn. Mood 4 Eva. In: BEYONCÉ. *The Lion King: The Gift*. Parkwood Entertainment LLC, 2019. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190720054338> e <https://www.beyonce.com/album/thegift/songs>. Acesso em: 31 out. 2024

EMILE II, Dernst “D’Mile”; BEYONCÉ; CARTER, Shawn; GRIFFIN JR, Tyrone “Ty Dolla Sign”. Boss. In: THE CARTERS. *Everything is Love*. Parkwood Entertainment LLC, 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200921085339>/<https://beyonce.com/album/everything-is-love/lyrics/>. Acesso em: 31 out. 2024.

FRANCO, Claudio de Paiva; TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. *Ways: English for life: 6º ano: ensino fundamental: anos finais*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. Manual do Professor.

_____. *Ways: English for life: 7º ano: ensino fundamental: anos finais*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. Manual do Professor.

_____. *Ways: English for life: 8º ano: ensino fundamental: anos finais*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. Manual do Professor.

_____. *Ways: English for life: 9º ano: ensino fundamental: anos finais*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. Manual do Professor.

GRUENDLING, Fernanda. Variação linguística e diversidade cultural em amostras de livros de inglês como língua adicional para adultos. *Revista Entrepalavras*, v. 7, n. 2, p. 457-74, Fortaleza, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33190>. Acesso em: 21 set. 2024.

JONES, Dominique; PETTIGREW, Noah; WILLIAMS, Rai’Shaun. The Bigger Picture. In: Lil Baby. *My Turn (Deluxe)*. Quality Control, Universal Music, 2020. Disponível em: <https://www.deezer.com/en/track/989008322>. Acesso em: 31 out. 2024.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black Eng-*

lish vernacular. Oxford: Basil Blackwell, 1977.

LÓPEZ, Alberto. Hip hop: como nasceu o gênero musical que transformou a música. *El País*, Madri, 11 ago. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/11/cultura/1502442803_063516.html. Acesso em: 13 out. 2024.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. *Metodologia do trabalho científico: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

TONIN, Josiane Prescendo; NONATO, Stephanie Sales Rodrigues. A variação linguística nos livros didáticos: língua portuguesa e língua inglesa em FOCO. *Revista Diálogos*, v. 2, n. 10, p. 110-34, [S.l.], 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/13884>. Acesso em: 1 out. 2024.

TARALLO, Fernando Luiz. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986. 96p. (Princípios; 9)